

Ao ler, cuide-se: uma metodologia experimental de letramento biblioterapêutico para as aulas de português e literatura do ensino básico

When reading, be careful: an experimental methodology of bibliotherapeutic literacy for portuguese classes and basic education literature

Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Wellington Silva Santana de Oliveira²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

É lugar comum o fato de que o professor é um mediador de conhecimentos, sendo a sala de aula um ambiente propício a abordagens que levem em consideração as experiências e as vivências dos estudantes. É nesse sentido que o presente artigo, objetivando apontar caminhos para abordagem de literaturas que têm em comum a exploração da sensibilidade, propõe-se a coadunar a interdisciplinaridade entre o ensino de língua e de literatura por meio de um viés biblioterapêutico. A exposição sobre o conceito de biblioterapia, sua importância na psicologia e, ainda, da exemplificação do uso do texto como ferramenta para questões que afligem a adolescência, como o suicídio, constituem importantes maneiras de elucidar a pertinência da biblioterapia como metodologia pedagógica. Nesse sentido, o artigo mostrou, a partir do caminho descritivo do uso da biblioterapia, uma ponte para novas abordagens nas aulas de língua/literatura. Os dados revelam que uma proposta metodológica pautada numa abordagem biblioterapêutica é benéfica ao discente e que, para além dos benefícios terapêuticos ao aluno envolvido, ela contribui para ampliar as possibilidades de conexão entre os conteúdos acadêmicos e a vida cotidiana dos estudantes, fortalecendo assim sua relação com a leitura e a escrita.

Palavras-chave: biblioterapia; leitura e terapia; metodologia experimental; literatura; letramento biblioterapêutico.

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora associada da UERJ, atuando no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP), na educação básica e na graduação. É coordenadora de iniciação científica (FAPERJ e CNPq) e coordenadora de projetos de extensão vinculados à UERJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2593-5940>.

² Graduando em Letras na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Bolsista de iniciação científica no projeto “Interseções teóricas e práticas de Língua, Linguística e Literatura na metodologia de ensino do português” (Pibic-CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0980-8508>.



doi: 10.28998/2317-9945.

Artigo licenciado sob a [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 05/05/2024

Aceito em: 04/02/2025

Publicado em: 30/03/2025

e-Location: 17699

Abstract

It is common knowledge that the teacher is a mediator of knowledge, and the classroom is an environment conducive to approaches that take into account students' experiences. It is in this sense that this article, which aims to point out ways of approaching literatures that have in common the exploration of sensitivity, proposes to combine interdisciplinarity between the teaching of language and literature through a bibliotherapeutic approach. The presentation of the concept of bibliotherapy, its importance in psychology and the example of the use of text as a tool for issues that affect adolescence, such as suicide, are important ways of elucidating the relevance of bibliotherapy as a pedagogical methodology. In this sense, the article has shown, from the descriptive path of the use of bibliotherapy, a bridge to new approaches in language/literature classes. The data shows that a methodological proposal based on a bibliotherapeutic approach is beneficial to the student and that, in addition to the therapeutic benefits for the student involved, it contributes to broadening the possibilities for connecting academic content with the students' daily lives, thus strengthening their relationship with reading and writing.

Keywords: *bibliotherapy; reading and therapy; experimental methodology; literature; bibliotherapeutic literacy.*

Introdução

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto (1979).

A metáfora implícita na epígrafe que inicia este artigo reflete nossa intenção ao introduzir uma nova abordagem metodológica para professores envolvidos no ensino de português e de literatura na educação básica. A ideia de colaboração e interconexão, ecoada nos versos de João Cabral de Melo Neto, faz-se presente neste texto. Espera-se que as proposições sugeridas neste trabalho estimulem discussões adicionais, pesquisas futuras e a apresentação de novos resultados. É dessa forma que pensamos a tecitura de um caminho para o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura em uma perspectiva da biblioterapia. Em consonância com esse pensamento, reconhecemos que este trabalho está em uma fase experimental e não pretendemos esgotá-lo aqui, mas sim encorajar o debate. Com isso em mente, nosso objetivo é apresentar aos professores – atuantes e (ainda) em formação – uma perspectiva de ensino sob o prisma da biblioterapia.

Inicialmente, partimos do que há na produção literária sobre a biblioterapia. Esse caminho metodológico nos possibilitou apresentá-la de maneira mais consistente e, além disso, fundamentar o que propomos daqui para a frente por meio de um embasamento teórico relevante. À primeira vista, a palavra “biblioterapia” causa uma certa estranheza. Entretanto, sempre que acompanhada de uma descrição, uma sensação de familiaridade com a prática se estabelece nos semblantes.

Em seguida, nos dedicamos a apresentarmos uma defesa para a escolha de se trabalhar a biblioterapia sob a perspectiva do letramento. Partimos, então, do pressuposto de que se há uma maneira de cuidar de si e da alma por meio da leitura literária, há, também, portanto, uma relevância no método que se propõe na seção a ele dedicada.

Prosseguimos, na seção seguinte, com alguns transtornos que permeiam a vida dos adolescentes e jovens na contemporaneidade e seus motivos. A partir disso, reforçamos como o letramento biblioterapêutico pode ser positivo para o tratamento desses anseios e angústias.

Abarcamos, na penúltima seção, alguns estudos prévios por meio de um quadro em que é possível analisar amostras, ferramentas de análise e a dinâmica de aplicação da biblioterapia em alguns casos. Assim sendo, apresentamos exemplos práticos a fim de que seja possível visualizar o processo biblioterapêutico.

Por fim, fechamos este texto com um parágrafo conclusivo, em que, a partir das abordagens teórico-reflexivas realizadas, consideramos que há possibilidade, diante deste estudo, de que a proposta que sugerimos para o ensino seja aplicável à educação básica. Consideramos, também, a necessidade de estudos posteriores acerca de possíveis metodologias pedagógicas que levem em consideração a biblioterapia em sala de aula. Portanto, há um caminho possível! Seguiremos desbravando-o!

Biblioterapia: a intuição terapêutica da literatura

O termo biblioterapia originizou-se da junção de dois termos derivados do grego: *biblion*, que significa livro, e *therapeia*³, que denota tratamento. São dois vocábulos estrangeiros que, a partir de suas junções, originizaram a palavra biblioterapia. Shrodes (1949) evidencia que o conceito de biblioterapia foi formulado por ser um processo interativo entre o leitor e

³ Essas informações estão disponíveis em: <https://bitlybr.com/FTD>

a literatura imaginativa, que possibilita a atração das emoções do leitor com o objetivo de tratá-las. Estudiosos, desde o século passado, debruçam-se sobre pesquisas com o intento de compreender a biblioterapia, seus processos, de que forma (e por quem) ela pode ser usada/aplicada, bem como os seus efeitos. Ratton (1975, p. 198) explicita que a literatura, desde as épocas medievais, revela a capacidade de acolher o leitor. Diante disso, a autora revela que o uso “do livro como remédio da alma” não é recente. Ouaknin (1996, p. 27) reforça que a biblioterapia não é uma inovação; ele reafirma que a dimensão terapêutica intrínseca aos livros e narrativas transcende séculos de existência. A literatura não só “sabe algo das coisas” (Barthes, 2013, p. 19), atuando de forma humanizadora e denunciativa, mas também possui a aptidão para atuar como possibilitadora de um respirar que alivia a alma, fomentando um ambiente de receptividade, onde o leitor se encontra espelhado nas palavras do texto, experimentando a sensação reconfortante de ser acolhido pelo abraço tácito da literatura; e cultivando uma atmosfera de delicadeza, em que a leitura, ao ecoar nas profundezas da alma, ressoa com as emoções do leitor, despertando sentimentos há muito adormecidos e oferecendo-lhes uma oportunidade de serem reconhecidos e tratados (Seixas, 2020, p. 2). Caldin (2001, p. 6) explica que “o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização da linguagem. As palavras não são neutras”. Observa-se, nas palavras de Conceição Evaristo (ao conceder uma entrevista ao Itaú Social), uma análise da literatura que adota essa mesma perspectiva, ao dizer:

Eu gosto muito de dizer isso: ninguém chora diante de um dicionário e as palavras estão lá, arrumadas bonitinhas, mas elas só ganham sentidos, elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou, até em uma ficção. A palavra “paixão” por si só não significa nada, mas quando você para para pensar sobre a palavra “paixão”, você deve lembrar das suas paixões, dos seus ódios, dos seus jogos de sedução e dos jogos de sedução que fizeram com você. E a literatura é isso. Ela tem a capacidade justamente de convocar as mais diferentes pessoas. Eu tenho experimentado muito isso. Homens, mulheres, brancos, pretos, velhos, jovens, brasileiros e estrangeiros; se sentirem convocados... Porque toca (Evaristo *apud* Santana; Zapparoli, 2020).

Uma literatura profundamente engajada, fundamentada em uma intencionalidade cultural, atua como um campo que integra todos os elementos textuais, abrangendo desde a estrutura gramatical até os propósitos intencionais e pragmáticos do autor. Essa união reforça o motivo pelo qual esse tipo de literatura é concebido. Contudo, de antemão, cabe revelar algo com o qual a biblioterapia não se importa: com a crítica literária. A literatura, vista sob o viés biblioterapêutico, está muito mais ligada ao prazer gerado pelo texto, ao acolhimento

realizado por ele no leitor, ou seja: as questões estilísticas/estéticas, caras à crítica literária, não são objeto da biblioterapia. Pode-se (e deve-se) pensar como Barthes (2009, p. 137): “Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre um objetivo tático [...]”. Com certeza, textos que para uns podem não ser atrativos, para outros podem abrir um campo de possibilidades e reflexões (até mesmo sobre a própria vida). A utilização de elementos gramaticais, em uma abordagem educacional, constitui parte intrínseca da descrição linguística e que pode ser objeto de desenvolvimento de metodologias a partir da tríade: prática terapêutica, leitura/escrita e ensino de língua.

Ao tomarmos o texto literário pelo viés da biblioterapia, com vistas do ensino, precisamos, por isso, ter em mente um contexto mais amplo, que transcende a própria gramática em si, e está relacionado à construção de significados durante a leitura. Esse processo ocorre por meio da atribuição de sentidos, uma ação que se desdobra ao se debruçar sobre o texto como uma possível experiência viva. Ferreira Gullar estabelece uma metalinguagem ao fortalecer a capacidade que há no poema de externar os sentimentos, muitas vezes indizíveis por nós, em seu poema *Muitas vozes*,

Meu poema
é um tumulto:
a fala
que nele fala
outras vozes
arrasta em alarido.

(estamos todos nós
cheios de vozes
que o mais das vezes
mal cabem em nossa voz:

se dizes *pêra*,
acende-se um clarão
um rastilho
de tardes e açucares
ou
se *azul* disseres
pode ser que se agite
o Egeu
em tuas glândulas)

A água que ouviste
num soneto de Rilke

os ínfimos
rumores no capim
o sabor
do hortelã
(essa alegria)

A boca fria
da moça
o maruim
na poça
a hemorragia
da manhã

tudo isso em ti
se deposita
e cala.
Até que de repente
um susto
ou uma ventania
(que o poema dispara)
chama
esses fósseis à fala.

Meu poema
é um tumulto, um alarido:
basta apurar o ouvido.
(Gullar, 2008, p. 453)

No poema, o autor articula a inerente capacidade da escrita literária de evocar nossas emoções mais profundas, ressaltando a importância de sintonizarmos nossos sentidos auditivos de forma refinada, a fim de nos permitirmos imergir plenamente na experiência da leitura. Isso porque estamos frequentemente envolvidos em formas de silêncio opressivo, o que nos torna incapazes de articular nossos sentimentos – no ambiente escolar, tais silenciamentos têm se mostrado perigosos, especialmente, no contexto virtual. Nesse cenário, a leitura emerge como uma aliada perspicaz, capaz de “desenterrar” emoções. A metáfora que o autor constrói, afirmando que o poema “chama [os] nossos fósseis à fala”, mostra que, ao percebermos, em um texto, aspectos familiares, somos automaticamente levados a reflexões acerca desses aspectos. Revela-se, então, reverberações sinestésicas como quando o autor escreve “estamos todos nós cheios de vozes que o mais das vezes mal cabem em nossa própria voz”. Essas vozes ficam imersas pela falta de expressão, presas “até que de repente um susto ou uma ventania (que o poema dispara) chama esses fósseis à fala”, o que revela a capacidade e o modo como aquele texto nos toca e traz à tona sentimentos e

emoções. Com isso, não apenas reconhecemos, mas também somos capacitados a dar nome às angústias que, anteriormente, nossa própria consciência não conseguia discernir ou compreender. A proposição central que norteia a biblioterapia é que o indivíduo – neste caso, o leitor –, “encontra suas forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura” (Ouaknin, 1996, p. 97).

Nesse sentido, o texto é um objeto de prazer, em especial quando ele transmigra para a nossa vida, ao passo que aquilo que foi escrito ali pelo autor passa a ter sentido para o leitor, atribuindo-lhe a capacidade de escrever fragmentos tão próximos, íntimos, de um cotidiano comum, o que gera uma coexistência.

Numa obra, a leitura encaminha o leitor a situações que podem ser bem parecidas com algumas vivenciadas por ele ao longo da vida. Isso acaba mexendo com o leitor de forma provocativa, trazendo à tona sentimentos. Ao entrar em contato com essa realidade ficcional, questões internas acabam vindo à memória, o que conduz o leitor ao processo catártico, momento em que as coisas saem, em que se liberam as emoções e, com isso, essas questões são trabalhadas.

Diante de todas essas ações que decorrem do uso da literatura para fins terapêuticos, propomos um possível caminho para o ensino de língua e literatura nas escolas brasileiras (ainda não explorado), que é o letramento biblioterapêutico.

Letramento biblioterapêutico: que história é essa?

Em meados da década de 1980, foram intensificadas as discussões referentes ao letramento. O aparecimento deste termo nos estudos pedagógicos e de linguagens surge para abranger uma prática social de leitura e escrita mais complexa e que vai além das práticas resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Para Magda Soares (2003, p. 3), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte do aluno”. Assim sendo, o termo concerne à capacidade de fazer uso da leitura e da escrita e utilizá-las para se tornarem sujeitos sociais ativos. Dito de outro modo, refere-se ao uso da linguagem escrita para desenvolver as práticas sociais. Se como alfabetização se entendia o fenômeno restrito apenas à capacidade de compreensão do sistema convencional da escrita – saber ler e escrever –, agora, com o letramento, ampliou-se para uma noção que compreende, também, os aspectos de convívio social e os hábitos de utilização da leitura e da escrita.

Propomos, aqui, destrinchar ainda mais acerca das práticas de letramento. Propomos, então, um método de ensino sob uma concepção biblioterapêutica. Desse modo, vamos tratar a ação biblioterapêutica nas aulas de língua portuguesa e de literatura no ensino básico como uma possível prática de letramento para o ensino. Dessa forma, justificamos a nossa escolha pelo termo “Letramento Biblioterapêutico”.

Dessa forma, vamos assumir Letramento Biblioterapêutico como o ato de preparar alunos para que sejam capazes de ler, desfrutar da fruição do texto, evidenciada por Barthes (2009), e identificar potenciais leituras que dialoguem com as suas vivências (Padro; Madalena, 2019) e que possam atuar como um alento durante a sua leitura. A metodologia experimental que se desdobra aqui (do letramento biblioterapêutico) objetiva conduzir os alunos e alunas do ensino básico à própria “apuração dos ouvidos”, como apresentada anteriormente no poema de Gullar.

Entendemos a necessidade de abrir caminhos para que os educandos compreendam a vocação terapêutica da literatura, tornando-os capazes de compreender a função da biblioterapia. Seus impactos a curto, médio e longo prazos, para os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de língua e de literatura do ensino básico, são vistos como positivos através dos estudos realizados até o momento relacionados aos efeitos da biblioterapia nos diversos campos em que ela está sendo aplicada.

Para Bakhtin e Ponzio (1997), os sujeitos são mediados pela linguagem à proporção que as comunicações entre eles se fazem possíveis nos diferentes contextos e espaços, de modo que torna a linguagem o mecanismo que intermedeia todas as ocorrências da comunicação. A linguagem, então, como processo possibilitador das interações, é fundamental para uma atuação cidadã. Comunicar-se é poder interagir com a sociedade, é ser letrado a ponto de compreender as complexidades humanas que permeiam os ambientes sociointeracionais, permitindo-lhe atuar como indivíduo crítico, participativo e cidadão – ação que não é permitida aos sujeitos que possuem seus conhecimentos restritos apenas à escrita e leitura sistematizada, com conhecimento nenhum e, ou, parcial de mundo. Dessa forma, para além do letramento biblioterapêutico atuar como apaziguador das emoções, a realização de práticas de ensino ligadas a ele possibilita uma outra proposta metodológica que não será aprofundada aqui, mas que cabe a menção: a interseção de língua e literatura, não dissociáveis nas aulas de Língua Portuguesa.

À medida em que se afirma a fundamentalidade de o ensino mirar a preparação dos educandos a fim de torná-los capazes de exercer a cidadania, Cunha (2008, p. 2) aponta que

“os caminhos para se trabalhar sob essa perspectiva, bem como os instrumentos, métodos e recursos a serem mobilizados para isso ainda se revelam muito incipientes no meio escolar”. Essa crítica é válida para refletirmos a fundamentação de nossa base teórica neste artigo, visto que pretendemos sustentar o surgimento de uma nova abordagem metodológica de letramento, bem como sua fundamental importância no ensino contemporâneo.

Entende-se, então, a relevância em assegurar os estudos acerca das possíveis abordagens metodológicas que conduzem os alunos do ensino básico ao letramento em seus diversos contextos, prática que vem sendo desenvolvida pelo projeto de pesquisa “Intersecções teóricas e práticas de Língua, Linguística e Literatura na metodologia de ensino do português”⁴, e que é defendida por Kleiman (2007, p. 4):

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos.

Assim sendo, dentro das ciências da linguagem, estudos que se debruçam às novas práticas de ensino abrem espaços para reflexões com potenciais para um avanço significativo na área de língua e de literatura. O estudo da metodologia de ensino do português no país tem sido analisado por Geraldi (1984) muito em decorrência da tendência ainda plena da perspectiva estrutural da palavra, da frase ou do período. Entretanto, essas categorias gramaticais menos abrangentes precisam coadunar-se à análise do texto, que passa a ser fonte de referência metodológica, tendo em vista o seu contraponto contextual. Esse autor contempla muito do tipo de visão de linguagem que pode ser assumido, com vistas ao desenvolvimento de habilidades linguísticas. Para esse autor,

A linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala (Geraldi, 1984, p. 43).

⁴ Projeto de pesquisa vinculado ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/Uerj), fomentado pelo CNPq e coordenado pela Profa. Dra. Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira.

A partir do LB⁵, colocamo-nos a pensar a juventude pós-moderna, permeada por anseios e incertezas, e como a biblioterapia emerge como uma resposta, oferecendo um espaço seguro para explorar essas questões através da literatura, antecipando um caminho para o autoconhecimento e o crescimento pessoal.

Juventude pós-moderna: anseios, angústias e a biblioterapia como resposta

A juventude criada na era pós-moderna desenvolveu um estilo de vida notavelmente distinto daquele de gerações anteriores. Estamos nos referindo a jovens que cresceram imersos em um mundo altamente tecnológico, com uma evidente tendência para um crescimento ainda maior nesse sentido. De acordo com Cury (2015), é destacado que uma criança de sete anos, nos dias atuais, muito provavelmente possui acesso a uma quantidade de informações superior àquela disponível para um imperador no auge do Império Romano, assim como aos conhecimentos detidos por figuras eminentes, como Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles, os renomados pensadores da Grécia Antiga. Sendo assim, a fim de refletir alguns pontos que foram (e são) pontes para ansiedade e depressão em adolescentes e jovens do mundo pós-moderno – dois males que serão discutidos neste tópico do artigo –, colocamos em pauta neste primeiro momento o avanço da tecnologia.

É preciso reconhecer que esses avanços tiveram uma influência positiva muito grande, como a aproximação com familiares distantes e a facilitação de atividades do dia a dia. No entanto, nossos olhares foram por muito tempo desviados de algo muito importante ligado a isso: seus efeitos colaterais.

A rapidez com que tudo ocorre no mundo virtual passou a exigir do mundo externo às redes essa mesma velocidade. Mas não é só nisso que a realidade tenta imitar do mundo virtual. O G1, portal de notícias da Globo, publicou uma notícia⁶ pela qual revelou que pacientes jovens buscam cirurgia para parecerem com suas *selfies* com filtros do Snapchat. A notícia, que adjetiva esses pacientes como “jovens”, retrata uma realidade muito preocupante. Essa busca pela perfeição é fruto de uma imersão no mundo virtual, que apresenta um padrão no modo de ser e em aspectos físicos. Com isso, nossos adolescentes buscam se encaixar nesse padrão. Isso causa, em larga escala, uma reação ansiosa, depressiva e autodepreciativa da própria imagem, uma vez que a perfeição é algo que se restringe às redes sociais.

⁵ Letramento biblioterapêutico.

⁶ *Link* da reportagem: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/jovens-fazem-cirurgias-plasticas-para-ficar-parecidos-com-suas-selfies-com-filtro.ghtml>.

May (1980) expõe que o termo “ansiedade” faz referência ao sentimento de impotência que emerge a partir do conflito que surge entre o sujeito e o ambiente que o ameaça e os processos neurofisiológicos que derivam desse contexto. Dessa forma, focamos na definição da autora para a ansiedade, dando ênfase no termo *impotência*, núcleo da definição da dela, para expor alguns aspectos contemporâneos para basear uma análise dessa impotência.

De acordo com Lévy (1999, p. 31-32), os primeiros computadores eram reservados apenas aos militares da época e tinham uma única funcionalidade, que era a realização de cálculos científicos. O autor comenta que

No final dos anos 80 e início dos anos 90, um novo movimento sócio-cultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. [...] as tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento.

A partir desse novo espaço de comunicação, como posto por Lévy, deu-se início, anos depois, a um novo modelo de vida. De acordo com Henriques (2010, p. 1), “A partir da segunda metade do século XX as tecnologias da informação entraram num processo rápido e constante de aperfeiçoamento”; o autor ainda completa: “Este novo contexto mistura-se ao nosso ambiente social quase que de maneira imperceptível”. Consequentemente, o avanço desenfreado desse mecanismo corroborou no que vemos hoje, uma sociedade acostumada com o imediatismo que a internet permitiu, sobretudo os adolescentes e jovens, que estão imersos nesse mundo e são frutos deste século. Se antes, como vimos, a internet ainda não possuía toda força e rapidez, hoje sabemos que ela leva consigo a capacidade de tornar tudo muito mais veloz.

Trouxemos a discussão acima, que trata da juventude pós-moderna, para pontuar um aspecto interessante que servirá como um ponto que discutiremos daqui em diante: a possível atuação da biblioterapia sobre as angústias e os anseios provenientes dos avanços mencionados.

Para abordar os caminhos para que o uso da biblioterapia se concretize de modo eficaz dentro do ensino básico, a proposta precisa ser alinhada às ideias de educadores que pensam nesta etapa do ensino. Tal alinhamento revela a importância de um trabalho interdisciplinar. Isso porque o que se busca aqui é a interseção entre psicologia e educação, a fim de causar um impacto positivo na sociedade, logo, que a finalidade é apresentar o processo de leitura em um processo benéfico ao leitor (Caldin, 2009, p. 11). Do mesmo modo, se a proposta fosse a de realizar a atividade biblioterapêutica em hospitais, casas de repouso e asilos, o alinhamento deveria ocorrer sob orientações de pensadores e profissionais da área da saúde. Portanto, dentro do que propôs Paulo Freire (1996), quando apresenta saberes relevantes para a prática educativa, temos a apreensão da realidade do aluno como ponto fundamental para uma atividade docente eficaz. E aqui, na biblioterapia, a realidade do aluno também é tomada como ponto de partida para pensar a atividade biblioterapêutica na educação. Freire (1996, p. 36) diz:

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar.

Essa reflexão, atenta ao lugar do educador a fim de traçar os meios para desenvolver a sua atividade, mostra-se como necessária, também, ao pensarmos no uso do letramento biblioterapêutico nas aulas do ensino básico. Se fazemos isso, somos encaminhados a refletir sobre os aspectos sociais, biológicos e identitários – entre outros – que permeiam a vida dos nossos alunos. Percebe-se que a metodologia do educador explicita a percepção necessária sobre o tipo de sujeito com o qual se pretende trabalhar, tendo em vista que essa percepção contribui para uma ação efetiva sobre o indivíduo. Somente após essa análise, consegue-se traçar os meios que sejam relevantes para o desenvolvimento da atividade.

A proposta de abordagem metodológica que se propõe aqui sustenta a tese de que é possível fazer uso da leitura para atenuar as angústias e o sofrimento dos alunos do ensino básico dentro de uma perspectiva que abranja a atuação do professor como mediador desse processo, prática que tem se tornado cada vez mais constante dentro das ações do projeto de extensão “Rodas de Leitura Lélia Gonzalez: confluências de Língua e Literatura para uma

formação cidadã no Ensino Básico”, vinculado ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/Uerj) e coordenado pela professora Hilma Ribeiro.

Entendemos que não é obrigação de nenhum educador ser terapeuta. Para além de termos plena consciência disso, ressaltamos que nenhum processo que se propõe aqui substitui a necessidade de acompanhamento psicológico. O que estamos apresentando é uma metodologia experimental alternativa, que, em muitos casos, pode ser o meio pelo qual o educando poderá lidar com os seus anseios, sabendo discernir a partir da leitura literária as suas angústias.

O pensamento que permeia este trabalho é: há um caminho para ajudá-los? Para tal indagação, obtivemos uma resposta afirmativa diante dos dados estudados e resultados obtidos até o momento. Diante disso, seguimos para pensar que caminho seria esse e encontramos a biblioterapia. Portanto, chegamos à conclusão de que podemos, paralelamente, unir ensino de português e literatura sob uma perspectiva biblioterapêutica.

Nas últimas décadas, as estatísticas mostram um crescente número de suicídios entre jovens e adolescente (Azevedo; Dutra, 2012, p. 20). As autoras Dias (1991), Dutra (2001) e Mustelier (2005) sustentam a visão de que a problemática amorosa, manifestada através da experiência de perda ou separação da pessoa amada, figura como um dos fatores contribuintes nos casos de tentativa e, ou, suicídio bem-sucedido. Isso inclui situações, como o término de um relacionamento amoroso, a rejeição do parceiro ou mesmo a ameaça de abandono por parte deste, que abalam psicologicamente os jovens contemporâneos, o que propicia um caminho aberto para pensamentos suicidas.

Conforme indicado por Abasse, Oliveira, Silva e Souza (2009), a prática do suicídio ou sua tentativa reflete uma angústia emocional que o indivíduo percebe como insuportável e para a qual ele acredita não possuir habilidades adequadas para lidar.

Entre a prática e a teoria: investigando resultados de estudos prévios

Entendemos que a habilidade de leitura se encaixa de maneira propícia nas circunstâncias tratadas na seção que precede esta, uma vez que um poema pode não apenas tocar a sensibilidade, mas também se manifestar como um genuíno companheiro durante esses períodos desafiadores. Nas palavras de Caldin,

[...] a leitura (narração ou dramatização, por extensão) pode proporcionar: a catarse, na medida em que libera emoções; a identificação com as personagens, no momento em que o sujeito assimila um atributo do outro

ficcional; e a introspecção, ou seja, a educação das emoções (Caldin, 2009, p. 11).

Esses são os componentes biblioterapêuticos que aparecem e contribuem para o efeito que surge devido à interação dos atores envolvidos no processo de leitura: obra literária e leitor.

Com base nos estudos de Gusmão e Souza (2020), que colheram dados, elaborando uma lista⁷ de investigações anteriores na intenção de analisar os resultados desses estudos e, além disso, com a intenção de apresentar ferramentas de análises e alguns casos que evidenciam a dinâmica da aplicação da biblioterapia, organizamos o quadro a seguir:

Quadro 1 – Análise de resultados de estudos prévios

	AUTORES			
	Remor (1997)	Caldin (2002)	Bahiana (2009)	Ceribelli <i>et al.</i> (2009)
Objetivo	Melhorar o estado anímico da paciente e desaparecimento da sintomatologia depressiva.	Humanizar o processo de tratamento das crianças realizando a leitura de histórias com propósitos terapêuticos.	Identificar, refletir e trazer à discussão as práticas e projeções pedagógicas e familiares relacionadas ao uso da biblioterapia que induzem a comunidade universitária a futuras interações e à prática da leitura.	Descobrir em que medida a estratégia de leitura de histórias proposta pelo Projeto Biblioteca Viva em hospitais pode ser um recurso de comunicação para uso em crianças hospitalizadas.
Amostra	Caso clínico com a avaliação e o tratamento, a partir do modelo psicoterapêutico cognitivo, de uma paciente portadora de HIV, com 30 anos, que apresentava sintomas de depressão como consequência do diagnóstico de soropositividade.	Crianças internadas e em tratamento no Hospital Universitário da UFSC.	Estudantes do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Educacionais (Face).	Mediadores e crianças maiores de sete anos.
Metodologia	Relato de experiência. A intervenção psicológica consistiu em nove sessões, de periodicidade semanal, com duração de	Relato de experiência. Ações de biblioterapia desenvolvidas	Pesquisa descritiva e coleta de dados por questionário.	Pesquisa experimental. Para coleta de dados, utilizou entrevista semiestruturada com

⁷ A lista elaborada pelos autores que originalizou o quadro 1 encontra-se em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0187-358X2020000400033&script=sci_arttext.

	AUTORES			
	Remor (1997)	Caldin (2002)	Bahiana (2009)	Ceribelli <i>et al.</i> (2009)
	1h e 15 min, num período de quatro meses e meio e uma sessão de seguimento após as férias (60 dias) da paciente. Também foram utilizados recursos de biblioterapia, tanto durante o período de tratamento como durante o período de férias.	em agosto de 2001 e de março a maio de 2002.		mediadores e crianças maiores de sete anos.
Transtorno	Depressão, estresse.	Depressão, estresse.	Estresse.	Depressão, estresse.
Intervenção em biblioterapia	A intervenção consistiu em entregar bibliografia à paciente que trata os temas que havia solicitado, temas de interesse ou deficitários para a paciente.	Procedeu-se à leitura em grupo e à leitura individual. Utilizou-se alguns recursos lúdicos, como música, dramatização, “contação” e gravuras.	Indicação de livros de autoajuda, livros e textos humorísticos.	Leitura de histórias infantojuvenis por intermédio de profissionais e voluntários capacitados para tal função. Observação de sessões de mediação de leitura.
Resultado	Melhora do estado anímico da paciente, com o desaparecimento da sintomatologia depressiva. A biblioterapia, como tarefas para casa, auxiliou no processo terapêutico, inclusive proporcionando que as intervenções sejam mais curtas e eficazes.	Os resultados obtidos confirmaram que a biblioterapia conduz à pacificação das emoções pela satisfação das necessidades estéticas.	A técnica da biblioterapia relaxa e ameniza a tensão mental.	A mediação de leitura facilita os diálogos e o relacionamento, amplia o processo de diagnóstico e terapêutico e valoriza o processo de desenvolvimento de crianças, familiares e equipe de saúde.

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos estudos de Gusmão e Souza, 2020 (2024).

Pensaremos, aqui, num texto trabalhado em sala de aula previamente em que seus componentes biblioterapêuticos sejam explicitados aos alunos. Para isso, levando em consideração as relações amorosas e o suicídio na adolescência, vamos pensar no texto *A arte de perder*, de Elizabeth Bishop (2012),

A arte de perder não é nenhum mistério;
Tantas coisas contêm em si o acidente
De perdê-las, que perder não é nada sério.

Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero,
A chave perdida, a hora gasta bestamente.
A arte de perder não é nenhum mistério.

Depois perca mais rápido, com mais critério:
Lugares, nomes, a escala subsequente
Da viagem não feita. Nada disso é sério.

Perdi o relógio de mamãe. Ah! E nem quero
Lembrar a perda de três casas excelentes.
A arte de perder não é nenhum mistério.

Perdi duas cidades lindas. E um império
Que era meu, dois rios, e mais um continente.
Tenho saudade deles. Mas não é nada sério.

– Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escrevel!) muito sério.

Sobre este poema, Anastácio (1999) explica que:

Bishop ficcionaliza as perdas que ao longo de sua vida tivera que enfrentar. O poema é um manual de como encarar a dor de um modo estoico, buscando-se uma receita para dominar essa arte. A ciranda de perdas avulta-se num crescendo de ausências, e atinge o seu clímax com o afastamento da pessoa querida (Anastácio, 1999, p. 184).

Com a leitura realizada sob o viés biblioterapêutico, o leitor pode interpretar o texto de Bishop como “um manual de como encarar a dor” da perda, como bem afirmou Anastácio. Essa leitura é capaz de efetuar mudanças significantes, uma vez que permite ao leitor a terapia de introspecção (*apud* Caldin, 2001, p. 35). Além da introspecção, a identificação do leitor com o eu-lírico é fator fundamental no processo de acolhimento, que permite o entrosamento dele com o texto. Isso porque é por meio dessa relação estabelecida que algumas percepções são compreendidas. A identificação gera um entendimento, por parte do leitor, de que aquela situação foi vivenciada por outro indivíduo em algum momento e que esse indivíduo conseguiu passar por ela, aceitar esse acontecimento. Sobre isso, Laplanche e Pontalis (1971) afirmaram que a identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (Laplanche; Pontalis, 1971, p. 295).

Considerações finais

Construir caminhos para abordagens que deem conta das diferentes necessidades humanas que se apresentam nas diferentes etapas de ensino é tarefa fácil. A busca por êxito em novas perspectivas, de instrumentos, meios e finalidades, para dar conta das questões sociais que se apresentam no contexto escolar se torna, contudo, algo basilar na construção de um espaço cotidiano saudável nas práticas de ensino.

Mais do que ensinar determinado conteúdo, o professor precisa se munir de técnicas para tornar sujeitos habilitados ao mundo letrado. Nesse sentido, a utilização de entornos interdisciplinares nessas práticas é fundamental. É nessa perspectiva que, ao propormos a articulação entre as diferentes literaturas e a utilização da biblioterapia nas aulas de língua portuguesa, reafirma-se ser algo importante em novas práticas metodológicas para o ensino de língua.

As habilidades de letramento que constituem importante objetivo nas aulas de português tornam-se facilitadas pelo uso de conceitos relativos à biblioterapia, tais como a leitura de obras que dialoguem com necessidades humanas dos alunos. Nessa perspectiva é que a escrita e a leitura de tais obras constituem meio e fim para o letramento biblioterapêutico.

Em suma, como afirmado na introdução, este artigo tende a ser um pontapé inicial que daremos continuidade, mas intentamos que, a partir daqui, outros e outras pesquisadoras e profissionais da educação também se debruçam sobre diferentes análises que possam contribuir para a compreensão das ações, dos métodos e das relações estabelecidas no processo de leitura.

Referências

ABASSE, Maria Leonor Ferreira; OLIVEIRA, Ronaldo Coimbra de; SILVA, Tiago Campos; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 407-416, 2009. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2009.v14n2/407-416/pt>. Acesso em: 17 set. 2024.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. **O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Bishop**. São Paulo: Annablume, 1999.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. **Rev. Abordagem**

Gestalt, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 20-29, jun. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735516004.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BAHIANA, Neiva Dulce Suzart Alves. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 65-79, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1975>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich; PONZIO, Augusto. **Hacia una filosofía del acto ético**: y otros escritos. Friburgo: Anthropos Editorial, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BISHOP, Elizabeth. A arte de perder. *In*: **Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/36-Texto-do-Artigo-17815-1-10-20080811.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da ufsc: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 7, n. 14, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/147/14701405.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92575>. Acesso em: 13 ago. 2024.

CERIBELLI, Carina; NASCIMENTO, Lucila Castanheira; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças hospitalizadas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 81–87, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2544>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CUNHA, Rosana Cristina da. O jornal escolar: instrumento para a formação crítica e cidadã. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 17, p. 496-514, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/3601>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CURY, Augusto. **O código da Inteligência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

DIAS, Maria Luiza. **Suicídio, testemunhos de adeus**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DUTRA, Elza Maria do Socorro. **Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o Enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001180864>. Acesso em: 19 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

GUSMÃO, Alexandre Oliveira de Meira; SOUZA, Elaine Gleice Jerônimo de. A Biblioterapia como ferramenta de restabelecimento emocional. **Investigación bibliotecológica**, México, v. 34, n. 85, p. 33-59, 2020. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/58166/52114>. Acesso em: 30 ago. 2024.

HENRIQUES, Sandra. Novas tecnologias móveis: aspectos sobre o leitor e as redes sociais na Pós-modernidade. **Intercom Sul: Perspectivas da Pesquisa em Comunicação Digital**. São Paulo: Intercom, p. 111-140, 2010. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/ad5879b9c4f8d22f17340e630f1bed60.pdf#page=111>. Acesso em: 22 set. 2024.

JOVENS fazem cirurgias plásticas para ficar parecidos com suas selfies com filtro. BBC; G1, Rio de Janeiro, 5 de maio de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/jovens-fazem-cirurgias-plasticas-para-ficar-parecidos-com-suas-selfies-com-filtro.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2024.

KLEIMAN, Angela Bustos. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>. Acesso em: 22 set. 2024.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulaire de psychanalyse**. Paris: PUF, 1971.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAY, Rollo. **O significado da ansiedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MELO, João Cabral de. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MUSTELIER, Lourdes Ibarra. **¿Adolescentes Problemas o Problemas de la Adolescencia?**. Havana, 2005. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos13/adopro/adopro.shtml#sui>. Acesso em: 19 set. 2024.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PADRO, Cristiane Aparecida Ramos do; MADALENA, Críchyna. Biblioterapia com os gestores de uma Escola de Educação Básica de Chapecó (SC): relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 24, n. 2, p. 450-455, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7389312>. Acesso em: 20 out. 2024.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, 1975. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36171>. Acesso em: 10 ago. 2024.

REMOR, Eduardo Augusto. Contribuições do modelo psicoterapêutico cognitivo na avaliação e tratamento psicológico de uma portadora de HIV. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, p. 249-261, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/gLkGh76zr9vGTjCCmJ669Jm/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo: “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Agência de Notícias Itaú Social**, São Paulo, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Biblioterapia e educação: sopros de cuidado entre leituras. **RevistAleph**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 239-259, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/41444>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SHRODES, Caroline. 1949. **Bibliotherapy**: A Theoretical and Clinical Experimental Study. 1949. Tese (Doutorado) – University of California, Berkeley, 1949. Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/Bibliotherapy:-a-theoretical-and-clinical-experimental-study/oclc/1557201>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SOARES, Magda. **O que é Letramento?** Santo André: Diário do Grande ABC, 2003.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq);
Ao Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/Uerj); e
Ao Depext/Uerj,
pelos financiamentos, leituras e espaços disponibilizados que possibilitaram esta pesquisa e, em especial, ao Instituto de Aplicação da Uerj, que autorizou recentemente a aplicação da abordagem proposta neste trabalho nas turmas de 2025 a fim de suscitar resultados futuros.